

5ª Parte

Transcrições

Homenagem à mais antiga academia do Brasil

Giselda Medeiros

A Academia Cearense de Letras comemorou, no dia 15 de agosto de 1999, seu centésimo quinto aniversário. Fundada no ano de 1894, tem ela o privilégio de ser a mais antiga do Brasil. O Ceará, que foi o primeiro a quebrar as algemas da escravidão, foi também o primeiro a acender as luzes fulgurantes de uma Academia. Duplamente, pois, “Terra da Luz”.

Nascida com o nome de Academia de Letras, tendo como modelo a Academia de Ciências de Lisboa, não trazia, por isso, objetivos apenas literários. Misturavam-se, a estes, outros mais abrangentes, como as ciências, a educação, a arte, de um modo geral.

Dentre seus insígnies fundadores, estão Justiniano de Serpa, Guilherme Studart, Farias Brito, Franco Rabelo, Tomás Pompeu, Antônio Bezerra e outros, somando, ao todo, 27 nomes. No ano de 1922, a Academia ampliou para 40 o número de sócios efetivos, passando a ter a denominação de Academia Cearense de Letras. Até esse período, foram seus presidentes: Guilherme Studart, Tomás Pompeu e Pedro de Queiroz.

É verdade que a Academia, a essa época, ainda não tinha um caráter condizente com as funções a que se propunha. E, com a longa enfermidade daquele que lhe era o propulsor, Justiniano de Serpa, as sessões começaram a escassear cada vez mais, até cessarem por completo com o seu falecimento, ocorrido em 1º de agosto de 1923. Entretanto, o que fora plantado com amor denodado, regado com a seiva do patriotismo e com o suor das lutas em favor da terra e do homem, não poderia sepultar-se com o seu grande idealizador. Assim, em 1930, a Academia passa por uma reformulação, inclusive no seu quadro social, do qual foram excluídos os membros que passaram a residir fora do Ceará. Desta fase, Antônio Sales foi o seu primeiro presidente, eleito que foi na primeira sessão da Academia, realizada em 21 de maio de 1930, cujos objetivos, como traz a Revista da Academia (editada em nova fase) não pretendiam fundar uma nova Academia, mas dar continuidade ao que vinha sendo realizado.

Acontece que, nesse mesmo ano, surgiu em Fortaleza uma outra associação denominada Academia de Letras do Ceará. Ao lado dos escritores dessa nova entidade, juntaram-se membros da antiga Academia de 1922 que haviam sido excluídos, quando da reformulação de 1930. Essa dualidade movimentou os meios literários cearenses e inspirou matérias a escritores como Mário Linhares e Martins D'Alvarez, chegando este a afirmar que a fusão dessas duas "Academias" seria um belo gesto de confraternização espiritual.

Desse modo, em 1951, o casamento tão esperado aconteceu. Juntaram as mãos Dolor Barreira, Clodoaldo Pinto e Joel Linhares (pela Academia Cearense de Letras) e Henriqueta Galeno, Manoel Albano Amora e Perboyre e Silva (pela Academia de Letras do Ceará). Uniam-se, destarte, as duas, ante o altar das letras cearenses, para a comunhão do Belo, numa demonstração, sobretudo, de amor às artes. Nascia aí a Academia Cearense de Letras, propriamente dita, que, por aclamação, teve o nome de Dolor Barreira para seu presidente, ficando Pompeu Sobrinho na Presidência de Honra, substituindo a Justiniano de Serpa, e permanecendo nesse cargo nas gestões de Mário Linhares, Raimundo Girão, Andrade Furtado, Renato Braga, Antônio Martins Filho e Eduardo Campos. A partir da presidência de Cláudio Martins, até hoje, a Academia tem, no referido posto, o nome de Antônio Martins Filho, nome que dignifica as letras e a nossa própria história.

1894 – 1999: cento e cinco anos! A Academia Cearense de Letras prossegue em seu caminhar centenário produzindo cultura, promovendo cursos, fazendo literatura, incentivando a ciência, dignificando nossas letras. À frente, outro remador, não menos incansável em seus ideais que Justiniano de Serpa: Artur Eduardo Benevides, que vem imprimindo à Academia um ritmo cada vez mais acelerado, buscando forças na grandeza de seu coração, que tem o tamanho de seu sonho. Homem íntegro, trabalhador, amante das letras e delas o grande incentivador, a Academia não poderia estar em melhores mãos. Trabalhando, com o apoio de sua Diretoria, vem realizando sessões solenes, cujo brilho tem encantado a todos os que ali freqüentam. Amante da cultura, abriu as portas da Academia, levando-a ao povo. Destaque-se, também, para fins de justiça, o apoio incontestável e diuturno de sua secretária, Regina

Cláudia Pamplona Fiúza, cujo dinamismo e devoção àquela Casa tornaram-na o “anjo da guarda da Academia”, sempre presente e em ação contínua.

Por tudo isso, a Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB – Coordenadoria do Ceará, a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno (fundada pela extraordinária Henriqueta Galeno, força representativa da intelectualidade feminina no Ceará) e a revista *Jangada* não poderiam deixar de expressar, também, ao lado de outros segmentos da sociedade, congratulações por essa data jubilosa.

Que o lema da Academia, “*Forti nihil difficile*”, continue vibrando no peito de cada um dos seus quarenta acadêmicos, fortalecendo-os, inspirando-os para o diálogo sacrossanto com as letras, das quais são eles os imortais guardiães.